0275

Ruth Rocha

reconta

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FNDE
PNBE 2012
Educação Infantil

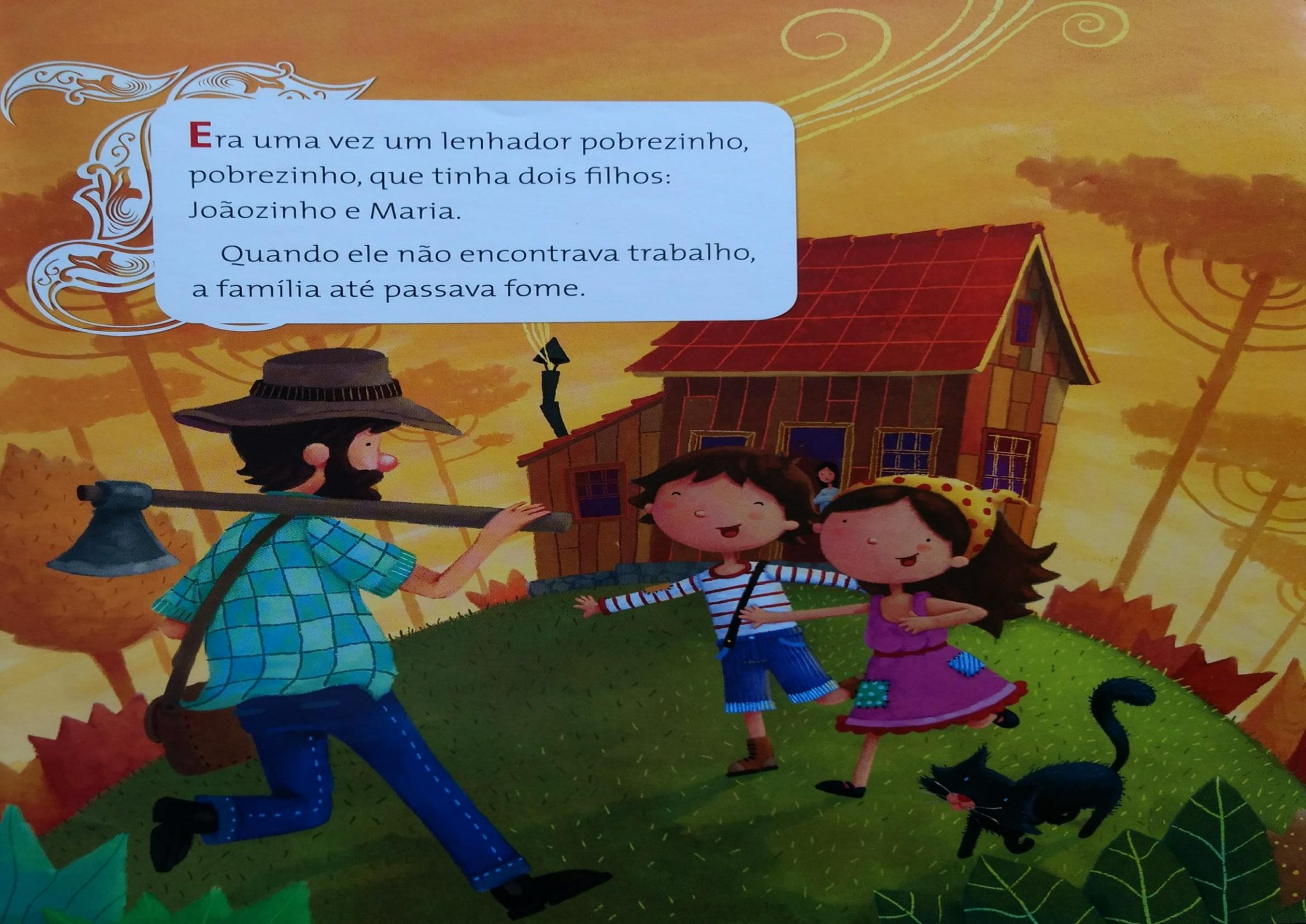
VENDA PROIBIDA



João e Maria

ILUSTRAÇÕES **ADILSON FARIAS**

Richmond


Era uma vez um lenhador pobrezinho, pobrezinho, que tinha dois filhos: Joãozinho e Maria.
Quando ele não encontrava trabalho, a família até passava fome.

Numa dessas vezes Joãozinho escutou seus pais conversando.

Eles tinham resolvido levar as crianças para o fundo da floresta e deixá-las abandonadas porque não queriam ver seus próprios filhos morrerem de fome.

Joãozinho, que era muito esperto, encheu os bolsos com pedrinhas bem brancas.

Então, no dia seguinte, os pais convidaram os meninos a irem para o trabalho com eles.

Joãozinho foi andando um pouco atrás e foi atirando as pedrinhas, uma por uma pelo caminho.

Sua mãe reparou nisso e perguntou:

— Por que é que você está olhando pra trás?

— Estou olhando meu gatinho, que está se despedindo de mim...



Quando já estavam bem no fundo da floresta, os pais fizeram uma fogueira, deram um pãozinho a cada um, mandaram que as crianças esperassem por eles e foram embora.

Os meninos estavam muito cansados. Então, adormeceram junto ao fogo.

Quando acordaram, já era noite.





Maria começou a chorar de medo.

— Meu Deus, nós não vamos saber voltar pra casa!

Mas Joãozinho acalmou a irmã até que a lua aparecesse no céu.

Então as pedrinhas brancas que ele tinha jogado no caminho começaram a brilhar, e eles puderam calmamente chegar em casa.

Os pais se alegraram, porque no fundo estavam arrependidos por ter deixado as crianças no mato.

Passou-se algum tempo e a situação ficou ainda pior. Já não tinham nada para comer e o inverno vinha chegando.

Mais uma vez os pais combinaram de deixar as crianças na floresta.

Mais uma vez o Joãozinho ouviu a conversa.

Quis então sair pra pegar pedrinhas novamente lá fora, mas a porta estava trancada.

De madrugada os pais chamaram as crianças, deram a cada uma um pequeno pedaço de pão e as levaram ainda mais para o fundo da floresta.

No caminho, Joãozinho foi jogando pedacinhos do seu pão, já que não tinha pedrinhas.

E a mãe lhe perguntava:

— Por que é que você fica olhando para trás?

E ele respondia:

— Estou olhando minha pombinha, que está se despedindo de mim...





Tudo se passou como da última vez; só que, quando a lua surgiu e iluminou o caminho, Joãozinho percebeu que as migalhas de pão tinham desaparecido.

Os pássaros tinham comido tudinho!

Maria começou a chorar, mas Joãozinho disse:

— Maninha, minha maninha,
Devagar, devagarinho,
Vamos achar o caminho.

Os meninos andaram e andaram e foram cada vez mais entrando na floresta.

Então viram um pássaro branco pousando numa árvore. Ele parecia estar esperando pelos irmãos, pois começou a cantar assim que os viu. E seu canto era muito bonito. Quando parou de cantar, abriu as asas e começou a voar, e os dois o seguiram até chegarem a uma clareira.

Lá havia uma casinha, a mais linda que se possa imaginar.

As duas crianças chegaram perto e viram que a casinha era toda feita de bolo, com telhado de chocolate e janelas de biscoito.

Os enfeites eram de brigadeiros e de balas.

Os meninos estavam com muita fome.

Então começaram a tirar pedaços do telhado e das paredes e a comer, com muita alegria.





Nisso eles ouviram uma voz que vinha de dentro da casa:

— Brigadeiro, bolo,
Biscoito e balinha...
Quem é que está comendo
A minha casinha?

As crianças ficaram um pouco espantadas, mas responderam:

— Ninguém está comendo...
É o vento que está batendo...

E continuaram a comer.

Mas a dona da casa, que era uma bruxa muito malvada, estava vendo os dois muito bem. Na verdade, ela tinha construído aquela casinha de doces pra atrair crianças que passassem por perto. E o que ela queria mesmo era comer as crianças.

Então ela apareceu, e antes que os meninos se assustassem, disse numa vozinha macia e muito falsa:

— Minhas queridas crianças,
estão perdidas, talvez?
Mas não tenham nenhum medo
Que eu vou cuidar de vocês!

E fez os dois entrarem, deu a eles bastante comida e muitos doces e preparou duas caminhas para eles dormirem.

Mas de manhã a velha tirou Joãozinho da cama e sem nenhuma pena trancou o menino numa espécie de gaiola.

Então acordou Maria, mandou que ela buscasse água e cozinhasse para o irmão:

— Quero que ele coma tudo:
Frango, gemada, polenta.
Quando ficar barrigudo
Vou comê-lo com pimenta!





Todos os dias Maria tinha que cozinhar para Joãozinho uma porção de comidas, que a velha queria que ele engordasse e ficasse que nem um leitãozinho!

E ela mesma, coitadinha, passava fome, que a bruxa não estava nem se incomodando!

Todos os dias a velha chegava perto da gaiola e pedia para Joãozinho mostrar o seu dedinho.

Ela não enxergava direito e então queria pegar o dedo do menino para ver se ele tinha engordado bastante.

Mas Joãozinho não lhe mostrava o dedinho. Ele tinha encontrado um ossinho na gaiola e dava o ossinho para a velha apalpar.

Ela ficava admirada de ver que o menino não engordava nada, nada!

Então, um dia, resolveu que ia comer Joãozinho, gordo ou magrinho.

Mandou Maria buscar bastante água para encher o caldeirão.

Acendeu um fogo bem forte e ordenou que Maria entrasse no forno para ver se estava bem quente.

A menina viu logo que, se entrasse, a velha ia prendê-la também. Então ela se fez de boba e disse que não sabia como é que se entrava no forno e que a bruxa mostrasse a ela.





E, quando a velha botou meio corpo dentro do forno, Maria não perdeu tempo. Empurrou a bruxa com toda força e, quando ela caiu lá dentro, fechou a porta bem depressa e trancou.

Correu para soltar Joãozinho, os dois se abraçaram, pularam e dançaram.



Mexeram em tudo na casa da bruxa e acabaram encontrando caixas e caixas com moedas de ouro, pedras preciosas, pérolas e outras joias.

Encheram os bolsos e mais uma sacola com aquelas riquezas e resolveram ir embora e ver se encontravam o caminho de volta.

Foram caminhando, guiados pelo voo das aves, e dentro em pouco começaram a reconhecer o caminho de sua casa.

Quando chegaram, foram muito bem recebidos pelos pais, que estavam tristes e arrependidos do que tinham feito.

Com as riquezas que Joãozinho e Maria trouxeram, a família nunca mais teve dificuldades, e foram todos felizes para sempre...



Fim



IARA VENANZI

Ruth Rocha

Na minha infância, a história sempre esteve presente. Contos de fadas, *As mil e uma noites*, contos folclóricos... Lidos e contados por minha mãe, meu pai e, especialmente, meu avô Ioiô.

Meu avô conhecia e contava todas as histórias que existiam, mas sempre ambientadas na Bahia, de onde a família viera. Os personagens falavam de lugares com nomes engraçados, como Caixaprego e Ladeira do Escorrega. E as histórias sempre acabavam em festas de casamento, cheias de doces gostosos, como papos de anjo, amor aos pedaços, alfenins...

Por isso eu digo que a história entrou na minha vida pelo caminho mais efetivo: o caminho afetivo.

Hoje sou eu que conto histórias. Para todas as crianças: as que gostam de contos clássicos, e também aquelas, como minha filha, que gostava de histórias do cinzeiro, da mesa, da lua. Foi a partir de uma pergunta feita por ela que eu escrevi *Romeu e Julieta*, meu primeiro conto publicado na revista *Recreio*. E desde então não parei mais. Deixei que a profissão de escritora me escolhesse, e fui inventando essa profissão.



ARQUIVO PESSOAL

Aílson Farias

Vivo em Curitiba. Trabalho com ilustrações para livros didáticos, paradidáticos e revistas desde 1996. Autodidata, digo que minha grande formação foi a paixão por desenhar e estudar as possibilidades que os desenhos poderiam me trazer. Meus pais dizem que antes mesmo de conseguir falar direito meus desenhos já se faziam entender.

Ilustrar *João e Maria* me remeteu à infância, quando minha avó contava histórias de criaturas que viviam nas matas aqui do sul. Isso me trazia um turbilhão de sentimentos. Procurei reviver todo esse momento, me permitindo transferir essa imaginação vivida nessa época para esta história repleta de sensações.

Esta é a história de dois irmãos, João e Maria, e de como conseguiram voltar para casa depois de se perder na floresta e cair nas garras de uma bruxa muito malvada.

Nesta versão da escritora Ruth Rocha, a história ganha vida como se estivesse sendo contada por alguém sentado bem pertinho de você. Quer ver? É só abrir o livro e você não vai querer mais parar!

ISBN 978-85-60806-16-4



Richmond